

# **A atividade docente e a máquina-escola: uma crítica à educação salvacionista.**

Luan Sávio  
Mestrando PPFH-UERJ  
lsnave@hotmail.com

## **Introdução**

Este trabalho emerge como um tensionamento da docência, que é produtora e produto da escola; que é aparelho social destinado à criação de sujeitos (FOUCAULT, 2009). Isto é, os modos de conceber a vida são também engendrados na escola, que funciona como máquina de enquadrar comportamentos. O professor a compõe operando por uma lógica salvacionista, despotencializando a crítica a paradigmas por vezes obsoletos (GALLO, 2003). Assim, o que se coloca em análise neste texto é o fazer docente que não questiona práticas históricas, ao passo que visa idealmente preparar seus alunos “para a vida”, e o “mundo do trabalho” (lei 9394/96). Logo, o objetivo aqui, ancorado no conceito de ergologia (SCHWARTZ, Y. e DURRIVEL L., 2007), será refletir as lógicas que instituem o trabalho docente.

## **Metodologia**

O caminho metodológico pelo qual passa este trabalho consiste na discussão conceitual para pensar como estudantes tornam-se sujeitos (FOUCAULT, 2009). Para tal será posta em evidência a relação professor-aluno que de diversas formas atravessa e compõe a escola. A apropriação da noção de ergologia (SCHWARTZ, Y. e DURRIVEL L., 2007) permite conceber distintas formas de relacionar trabalho e produção, o que ressoa diretamente no objetivo da escola e na constituição de subjetividades.

## **Trabalho docente e a máquina-escola**

O primeiro artigo da lei de diretrizes e bases da educação nacional diz que a “educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa [...]” (BRASIL, 1996). Porém, precisar e delimitar onde e em que momento alguém aprende é uma tarefa que se assemelha a puxar uma linha de um emaranhado, justamente pelas infinitas conexões que o estudante faz e vive entre conteúdos

curriculares, colegas, pais, professores, tios, avós, amigos, redes sociais, televisão, música, internet, religião, esporte. Na escola e além de seus muros...

Configura-se uma teia de aprendizagens, um rizoma, no qual qualquer ponto “pode ser conectado a qualquer outro e deve-se sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam pontos, uma ordem” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.22). A formação, o ensino e a aprendizagem passam por diversos lugares e de formas diferentes. Porém, a escola sagra-se como território de destaque ou privilegiado no que diz respeito à educação e ainda que toda a comunidade escolar (família, diretores, pedagogos, merendeiros, zeladores entre outros) atravesse o aparelho social em questão, o professor assume nele certo protagonismo. Assemelha-se ao personagem principal do filme *Tempos Modernos*<sup>1</sup>, encarregado de apertar parafusos numa linha de montagem fabril, até que em dado momento entra na máquina como se tivesse tornado-se um com ela.

A escola opera por um ideário, como uma máquina, tal como indica o segundo artigo da LDB: “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996). É possível perceber que “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 2009, p.232). Os processos de formação têm como *spalla* o docente, que operário no tempo presente legitima certo modo de operar a máquina-escola porque:

Assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamentos, aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, perguntas e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do ‘valor’ de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância recompensa e punição, hierarquia piramidal). (FOUCAULT, 2009, p.241)

O processo supracitado marca subjetividades. Ou seja, o enquadramento oriundo da vida escolar se arraiga na dimensão dos afetos, dos desejos, das aspirações. Define as formas por meio das quais crianças e adolescentes vão se constituindo sujeitos e relacionam-se com o mundo. O aprendizado é entendido

---

<sup>1</sup> Filme de 1936 dirigido e estrelado por Charles Chaplin.

então como um processo de assimilação de regras, formas prontas e conteúdos escolares. O docente está sempre em meio a tudo isto.

A escola-máquina-Estado opera pela repetição: a produção de subjetividades segundo uma determinada dinâmica, a fim de atender às demandas de máquina de produção. Uma produção em massa de subjetividades ou, para dizer de outra maneira, a escola-máquina-de-Estado opera um processo de subjetivação. (GALLO, 2004, p.208)

Cria-se um discurso de que aquele que leciona deve ensinar e quando o estudante não aprende, algum problema acontece. É importante sublinhar que “a raiz latina do verbo ‘educar’ denota um ato de ‘violência’, em certo sentido: Educar é conduzir alguém, promover a passagem, muitas vezes forçada, de um lugar ao outro, de uma condição a outra” (GALLO, 2004, p. 207).

O professor (aquele que professa) é o profissional que conduz de forma mais explícita estudantes às luzes do conhecimento. A palavra aluno em si já pode aludir a isso, é senso comum que se origina no latim e significa sem luz. No entanto, o termo *alumnus* também tem outra denotação, sendo esta; lactante: aquele que aspira cuidados e precisa ser tutelado e nutrido.

Um ou outro remete à uma relação potente de transmissão e direção. Logo, o professor sagra-se como arauto que “vislumbrando a possibilidade de um novo mundo, fazia a crítica do presente e procurava apresentar, então, a partir da crítica do presente, a possibilidade de um mundo novo” (GALLO, 2003, p.73). Um salvador que firma a prática no assujeitamento e assegura possibilidade de boas escolhas neste mundo, e é aplaudido por isso. Constitui uma relação de poder entre escola, estudantes, trabalho, escolhas, saberes...

As práticas pedagógicas subsistem calcadas em uma missão e cabe tensioná-las porque o docente opera e forma a máquina-escola que funciona por meio de lógicas empresariais visando a qualidade e a excelência por resultados, ao mesmo tempo em que silencia e cria ordens que não devem ser questionadas. É uma relação de produção que delinea a atividade docente definida aqui

Em uma perspectiva segundo a qual o sentido da vida está presente nas práticas microfísicas, o político não se define somente, nem privilegiadamente, a partir da estrutura do Estado, mas do plano das relações cotidianas nos campos de intervenção, ou seja, no campo micropolítico. É uma outra forma de olhar o mundo e o que nele se produz. (SCHEINVAR, 2012, p.195)

O deslocamento consiste em pensar outra noção de trabalho docente como processo de produção subjetiva, não tomando como referência se o estudante aprendeu ou não, mas o “desenvolvimento das atividades, seus impedimentos e, sobretudo, a dinâmica de realização dessa experiência que não se esgota na realização da tarefa.” (BARROS; PASSOS, e EIRADO, 2014, p.151). O que aponta para a possibilidade de construção do trabalho de forma coletiva, rompendo hierarquias e desconstruindo qualquer tipo de plano salvacionista.

As práticas pedagógicas constituir-se-ão próximas da desmobilização política quando são entendidas como salvação ou criação de sujeitos competentes, posto que o docente que “procura viver as situações e dentro dessas situações vividas, produzir a possibilidade do novo” (GALLO, 2003, p.73) constrói coletivamente outras formas de operar a máquina-escola.

Na perspectiva da ergologia, ou seja, do estudo das diversas maneiras como a função laboral (aqui do professor) se modifica, pode-se pensar a militância docente. Afirmção possível porque diz respeito a situações concretas do trabalho, na qual é plausível gerir situações cotidianas da máquina-escola e, se destina a “colar permanentemente o micro e o macro, a partir do momento que ela aponta o fato de que toda atividade de trabalho encontra escolhas, debates de normas e logo encontro de valores.” (SCHWARTZ, Y. e DURRIVEL L., 2007 p. 33).

Aparentemente o caminho sempre está dado. É comum pensar a máquina-escola do modo como ela constituiu a cada um. Por esta razão tendemos a colocar todos sob a égide da educação que salva, sem pensar no que isso produz. Todavia, “estamos sempre em situações de trabalho que têm histórias, particularidades, dentro de relações econômicas em que as exigências e as formas de regulação continuam a pesar” (SCHWARTZ, Y. e DURRIVEL L., 2007 p. 28). Por este motivo, apontar uma resposta seria a construção de outra rígida norma, a aposta da ergologia na docência é uma aposta na construção do trabalho coletivo que engendra outras subjetividades.

## **Conclusões**

A aposta neste trabalho não foi prescrever um modo de fazer. Contudo, o objetivo consistiu em estremecer uma visão salvacionista da docência. Isto de algum jeito sugere pistas, haja visto que pensar a produção coletiva é um caminho no qual o processo destaca-se em detrimento de resultados e coloca a dificuldade de

quebrar a desqualificação dos saberes discentes. A revisão bibliográfica ajudou a definir produção e trabalho, de modo a relacioná-las. Foi consoante à perspectiva da ergológica, arcabouço teórico fundamental para expandir a docência a outras compreensões, que sejam livres e exuberantes no mundo do trabalho.

## Referências

BARROS, M. E. B., PASSOS, E., & EIRADO, A. (2014). Psicologia e trabalho docente: intercessões com a clínica da atividade. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), 150-160.

BRASIL, República Federativa do Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (lei 9394/96)*

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs vol.1*. São Paulo: Ed. 34, 2011

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. *Michel Foucault; Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

GALLO, S. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: 2003.

GALLO, S. O macaco de Kafka e os sentidos de uma educação filosófica. In: KOHAN, W. (org.). *Políticas do ensino de filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SCHEINVAR, Estela. PRODUZIR. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). *Pesquisar na Diferença: Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHWARTZ, Y. & DURRIVEL L. *Trabalho & Ergologia conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EDUFF, 2007